

Mediunidade - Percepção da Psique humana

(Proposição de um novo conceito para a mediunidade)

Pela definição clássica mediunidade é uma faculdade do médium. Médium, por sua vez, é a pessoa que serve de intermediário entre os espíritos e os homens (KARDEC, 1993, p. 449), ou, no entendimento mais usual, entre os desencarnados e os encarnados.

Entretanto, temos observado que essa definição clássica não está abrangendo, como seria de se esperar, todas as situações que envolvem essa faculdade, pois há situações práticas que não se enquadrariam nela. Para exemplificar, citamos a manifestação de um vivo numa reunião mediúnica como um caso em que não estaria ao abrigo dela.

Isso não é novidade, pois sabemos que há experiências de Allan Kardec (1804-1869) em que foram evocados Espíritos de pessoas vivas. Podemos ler, por exemplo, na *Revista Espírita* o relato de uma dessas experiências realizada junto à Sociedade Espírita de Paris, em 03 de fevereiro de 1860, onde, para o estudo a que Kardec se propôs, foi evocado o espírito do Doutor Vignal, uma pessoa viva, que se manifestou àquela reunião. (*Revista Espírita 1860*, p. 81-88).

Um outro caso relatado foi o da evocação de uma surda-muda de nascença, que à época tinha a idade de 32 anos (*Revista Espírita 1860*, p. 88-90).

No final de 2004, o médico psiquiatra Dr. Frederico Camelo Leão (1960-), em sua dissertação de mestrado, intitulada "Uso de práticas espirituais em instituição para portadores de deficiência mental", defendida junto ao Instituto de Psiquiatria (IPq), da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), apresentou o resultado de sua pesquisa realizada nas Casas André Luiz, com a qual buscava saber, para comprovar sua tese, se, entre os espíritos que se manifestavam nas reuniões mediúnicas, ocorria a de internos daquela instituição. Foi constatado que, entre os 650 internos, cerca de vinte se manifestaram nessas reuniões^[1]. Assim, podemos perceber que a definição clássica não enquadra esses casos, pois, entre os espíritos que se manifestavam nessas sessões, havia também os de vivos.

Daí nos ocorreu a ideia de refletirmos sobre esse assunto, para o qual apresentamos a seguinte **hipótese**: o que chamamos de mediunidade é, em verdade, uma faculdade do espírito, pouco importando sua condição de estar encarnado ou não. E médium seria, então, o indivíduo que consegue captar os pensamentos ou sentimentos de outro, estando este encarnado ou não, e, dentro disso, podemos afirmar que todos nós somos médiuns; mais à frente iremos corroborar isso.

Surgiu-nos, naturalmente, o seguinte esquema:

1. **Anímicas** – (vivos ou mortos): do próprio *subject*, sem qualquer outra participação. Todo o fenômeno é produzido partindo da *psique* do indivíduo, sem nenhuma outra interferência: vidência, emancipação da alma, ectoplasmia e psicometria.
2. **Mediúnicas** – com participação de outras personalidades:
 - 2.1. **Entre vivos** – captação de pensamento, telepatia, percepções de emoções, etc. entre dois encarnados.
 - 2.2. **Entre vivos e mortos** – mensagens, artigos e ditados provenientes de personalidades que deixaram a dimensão física, transmitidas a encarnados, como também aquelas provenientes de desencarnados usando um encarnado em estado de emancipação da alma.
 - 2.3. **Entre mortos** – são ocorrências específicas entre duas personalidades pertencentes à dimensão espiritual, mas que se encontram em planos de evolução diferentes.
3. **Mistos** – (vivos ou mortos): fenômenos em que a base para a sua produção é

¹ <http://www.usp.br/agen/bols/2004/rede1514.htm>

anímica, mas com feito mediúnico. Por exemplo: no caso da vidência, se o sensitivo vê apenas a dimensão espiritual sem captar nenhuma mensagem ou pensamento dos que lá se encontram, seria apenas anímico, mas, quando, nessa ocorrência, recebe ou capta qualquer mensagem passa a ser misto.

Nessa proposta, há um ponto em que fomos questionados; por isso, julgamos, por bem, explicitá-lo mais. Trata-se da questão de classificar a telepatia como mediunidade.

Pelo dicionário *Houaiss*, temos:

telepatia: *s.f.* (1899) PARAP comunicação direta e a distância entre duas mentes, ou conhecimento, por alguém, dos processos mentais de outrem, além dos limites da percepção ordinária Θ ETIM *tele-* + *-patia*. (Dicionário Eletrônico Houaiss. Versão 3.0, 1999).

Chamou-nos a atenção a expressão "entre duas mentes", pois abre espaço para a hipótese que estamos levantando, uma vez que isso pode ocorrer em qualquer situação em que os envolvidos possam estar, conforme a conclusão que nós chegamos.

Em *O Livro dos Médiuns*, temos as considerações de Kardec sobre os médiuns inspirados, das quais transcrevemos o seguinte trecho:

Todos os que recebem, no seu estado normal ou de êxtase, comunicações mentais estranhas às suas ideias, sem serem, como estas, preconcebidas, podem ser considerados médiuns inspirados. Trata-se de uma variedade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma potência oculta é bem menos sensível, sendo mais difícil de distinguir no inspirado o pensamento próprio do que foi sugerido. O que caracteriza este último é sobretudo a espontaneidade. (KARDEC, 2006a, p. 154) (grifo nosso).

O que grifamos é algo que julgamos estar a favor do que estamos propondo e sobre o qual o estudioso J. Herculano Pires (1914-1979), que traduziu essa obra, faz, em nota de rodapé, os seguintes comentários:

Nunca prestamos a devida atenção aos nossos processos mentais. Kardec nos oferece neste livro, como repete no período acima, uma regra de ouro nesse sentido. A **psicologia** materialista vai hoje se aproximando desse princípio, **graças às pesquisas no campo da telepatia**. Embora ainda não considere o pensamento dos Espíritos, **já admite que recebemos constantemente pensamentos alheios**. A observação permite-nos dividir perfeitamente o pensamento que produzimos aos poucos em nossa mente dos que nos são sugeridos. (KARDEC, 2006a, p. 154) (grifo nosso).

Parece-nos que o alerta de Herculano Pires é justamente o fato de que a telepatia pode ser levada à conta de mediunidade, pois não há razão alguma em diferenciar os pensamentos que recebemos dos desencarnados com aqueles que os encarnados nos envolvem, porquanto, em ambas situações, o *modus operandi* é o mesmo.

Acreditamos que é exatamente isso que Herculano Pires defende em *Mediunidade*, da qual transcrevemos o seguinte trecho:

[...] A **mediunidade estática** não é propriamente uma forma de energia que permanece no organismo corporal em estado letárgico. É simplesmente a disposição natural do espírito para expandir-se, projetar-se e entrar em relação com outros espíritos. **A Parapsicologia atual confirmou a tese espírita das relações telepáticas permanentes na vida social. Nossa mente funciona, segundo acentua John Ehrenwald em seu estudo sobre relações interpessoais, como ativo centro emissor e receptor de pensamentos. Estamos sempre conversando sem o perceber. Muitos dos nossos monólogos são diálogos com outras pessoas ou com espíritos.** [...]. (PIRES, 1987, p. 19) (grifo nosso).

Assim, estamos sempre antenados, como permanentes agentes telepáticos.

Em *Mediunidade e Doutrina*, pela psicografia de Carlos A. Baccelli, o espírito Odilon Fernandes, discorrendo sobre o assunto "Todos somos médiuns", assim expressou-se: "A telepatia entre os homens, ou a chamada 'Telegrafia humana', é uma das nuances da mediunidade. Atentassem os encarnados para o referido fenômeno, e a mediunidade se lhes desenvolveria de forma mais completa". (BACCELLI, 1990, p. 68).

Sobre a telegrafia humana vamos encontrar a sua definição em Kardec: "[...] comunicação à distância entre duas pessoas vivas, que se evocam reciprocamente. [...]". (KARDEC, 1978, p. 42).

Em *Mecanismos da mediunidade*, André Luiz informa-nos algo pelo qual fica fácil entender a possibilidade de todos nós sermos influenciados uns pelos outros, quer estejamos encarnados ou não. Leiamos:

Reconhecemos que **toda criatura** dispõe de oscilações mentais próprias, pelas quais **entra em combinação espontânea com a onda de outras criaturas desencarnadas ou encarnadas** que se lhe afinem com as inclinações de desejos, atitudes e obras, no quimismo inelutável do pensamento. (XAVIER, 1986c, p. 88) (grifo nosso).

A combinação das oscilações mentais das pessoas, não seria o que produz o fenômeno da telepatia? Não estaríamos confirmando que "[...] Onde há pensamento, há correntes mentais e onde há correntes mentais existe associação. E toda associação é interdependência e influência recíproca. [...]". (XAVIER, 1987b, p. 144).

A evolução do nosso pensamento, em relação à definição clássica, aconteceu por ter lido, em vários livros, que há ocorrência da mediunidade até entre os que se encontram no outro plano da vida. Dessas leituras verificamos que, na dimensão espiritual, as reuniões mediúnicas levadas a efeito tinham, por exemplo, objetivo de estabelecer contato com espíritos de esferas mais elevadas, inclusive, em alguns casos, com eles a se materializarem, o que nos remete à ideia de que essa faculdade é mesmo do espírito, pelo fato dela existir em qualquer dimensão, tanto na física quanto na espiritual. Acreditamos que serviremos de intermediário quando, em determinada circunstância, percebermos a ideia de outros Espíritos, mesmo que esse pensamento não tenha como destinatário outras pessoas. Neste caso, segundo ousamos julgar, estaremos sendo intermediário para nós mesmos, se assim pudermos nos expressar.

André Luiz, pela pena de Francisco Cândido Xavier (1910-2002), relata diversas reuniões mediúnicas na dimensão espiritual, onde Espíritos de uma hierarquia mais elevada, se manifestaram usando Espíritos-médiuns. Vejamos o que escritor Divaldo P. Franco (1927-) afirma numa de suas respostas constante do livro *Qualidade na prática mediúnica*:

Qualquer pessoa que leia a **coleção de André Luiz** toma conhecimento das **reuniões realizadas no Mundo Espiritual, onde Espíritos-médiuns funcionam no atendimento às entidades atrasadas ou captam o pensamento do seres superiores**. [...] (MIRANDA, 2000, p. 71) (grifo nosso).

Confirma-se, portanto, o que estamos dizendo das obras de André Luiz; porém, achamos por bem citar algumas situações ocorridas nelas.

Encontramos no livro *Libertação* até mesmo vários casos de materialização² ocorridos na dimensão espiritual, dentre os quais destacamos:

O instrutor parecia vacilante, embora o halo radioso que lhe cobria gloriosamente a cabeça veneranda.

Chamou-me num sopro e informou:

² p. 40-51; 73-78 e 228-229.

- André, dirige os trabalhos da reunião, **enquanto devo fornecer recursos à materialização de nossa benfeitora Matilde**. Vejo-a ao nosso lado, esclarecendo haver chegado a noite longamente esperada por seu coração materno. Antes do reencontro com Gregório, em companhia de bem-aventuradas entidades que a assistem, pretende **ela visitar-nos, de maneira tangível**, encorajando quantos aqui hoje se candidatam ao serviço preparatório de ingresso em círculos superiores.

Tremi, perante a ordem, mas não hesitei.

Tomei-lhe o lugar, sem detença, enquanto o sábio mentor se recolhia a dois passos de nós, em profunda meditação.

Reparamos, em silêncio, que luz brilhante e doce passou a se lhe irradiar do peito, do semblante e das mãos, em ondas sucessivas, semelhando-se a matéria estelar, tenuíssima, porque as irradiações pairavam em torno, como que formando singulares paradas nos movimentos que lhe eram característicos. **Em breves instantes, aquela massa suave e luminescente adquiria contornos definidos, dando-nos a ideia de que manipuladores invisíveis lhe infundiam plena vida humana.**

Mais alguns instantes e Matilde surgiu diante de nós, venerável e bela.

O fenômeno da materialização de uma entidade sublimada ali se fizera prodigioso aos nossos olhos, em processo quase análogo ao que se verifica nos círculos carnis.

Ante a benfeitora, diversas mulheres presentes prosternaram-se, dominadas de incoercível emoção, atitude natural que não nos surpreendeu, porque, efetivamente, nos sentíamos em contacto direto com um anjo glorioso, em forma de mulher. (XAVIER, 1987a, p. 228-229) (grifo nosso).

A “materialização”, talvez fique melhor dizer, o adensamento da matéria sutil, aqui relatado, como se vê, em nada difere das que ocorrem na dimensão física, segundo os relatos de que temos conhecimento.

No livro *Obreiros da vida eterna* é relatada uma manifestação do Espírito Letícia, que se encontrava numa dimensão diferente da daqueles aos quais trazia sua mensagem, usando como intermediária a enfermeira e clarividente Luciana, cuja voz, segundo a narrativa, foi altamente modificada. (XAVIER, 1986a, p. 144-155).

Especificamente no livro *Nos Domínios da Mediunidade*, encontramos no cap. 19, intitulado “Dominação Telepática”, o seguinte:

Hilário, intrigado, perguntou:

- Examinamos, porém, um fenômeno comum?

- Intensamente generalizado. **É a influência de almas encarnadas entre si que, às vezes alcança o clima de perigosa obsessão**. Milhões de lares podem ser comparados a trincheiras de luta, em que pensamentos guerreiam pensamentos, assumindo as mais diversas formas de angústias e repulsão.

- E poderíamos enquadrar o assunto nos domínios da mediunidade?

- Perfeitamente, cabendo-nos acrescentar ainda que o fenômeno pertence à sintonia. Muitos processos de alienação mental guardam nele as origens. Muitas vezes, dentro do mesmo lar, da mesma família ou da mesma instituição, adversários ferrenhos do passado se reencontram. Chamados pela Esfera Superior ao reajuste, raramente conseguem superar a aversão de que se veem possuídos, uns à frente dos outros, e alimentam com paixão, no imo de si mesmos, os raios tóxicos da antipatia que, concentrados, se transformam em venenos magnéticos, suscetíveis de provocar a enfermidade e a morte. Para isso, não será necessário que a perseguição recíproca se expresse em contendas visíveis. Bastam as vibrações silenciosas de crueldade e despeito, ódio e ciúme, violência e desespero, as quais, alimentadas, de parte a parte, constituem corrosivos destruidores.

Finda ligeira pausa, o Assistente continuou:

- O pensamento exterioriza-se e projeta-se, formando imagens e sugestões que arremessa sobre os objetivos que se propõe atingir. Quando benigno e edificante, ajusta-se às Leis que nos regem, criando harmonia e felicidade, todavia, quando desequilibrado e deprimente, estabelece aflição e ruína. A química mental vive na base de todas as transformações, porque realmente **evoluímos em profunda comunhão telepática com todos aqueles encarnados ou desencarnados que se afinam conosco**. (XAVIER, 1987b, p. 185-186) (grifo nosso).

Aqui já temos a afirmativa de que todos, encarnados e desencarnados, se influenciam mutuamente. Um exemplo muito interessante disso, retiramo-lo do livro *Entre a Terra e o Céu*:

Hilário indagou sobre a causa da moléstia insidiosa, que tão violenta se apresentara, ao que Clarêncio respondeu, seguro:

- A questão é sutil. **A mulher grávida, além da prestação de serviço orgânico à entidade que se reencarna, é igualmente constrangida a suportar-lhe o contacto espiritual**, que sempre constitui um sacrifício quando se trata de alguém com escuros débitos de consciência. A organização feminina, durante a gestação, sofre verdadeira enxertia mental. Os pensamentos do ser que se acolhe ao santuário íntimo, envolvem-na totalmente, determinando significativas alterações em seu cosmo biológico...

[...]

- Afligia-me observar – lembrou Hilário, com interesse – a inopinada aversão de muitas gestantes contra os próprios maridos...

- Sim, isso ocorre sempre que um inimigo do pretérito volta à carne, a fim de resgatar débitos contraídos para com aquele que se servirá de pai. (XAVIER, 1986b, p. 185-186). (grifo nosso).

Esse fato é muito comum ocorrer entre as gestantes. Ele nos é explicado como sendo a influência mental do espírito reencarnante, que do ventre materno transfere à sua mãe a aversão ao marido - seu futuro pai -, por problemas de desavenças anteriores ainda não liberadas pelo perdão.

Em *Missionários da Luz*, o instrutor Alexandre afirma a André Luiz:

- **Médiuns, meu amigo, inclusive nós outros, os desencarnados, todos o somos**, em vista de sermos intermediários do bem que procede de mais alto, quando nos elevamos, ou portadores do mal, colhido nas zonas inferiores, quando caímos em desequilíbrio. (XAVIER, 1986d, p. 207) (grifo nosso).

Ora, isso só vem reformar a nossa hipótese, de que a mediunidade é uma faculdade do espírito, e aí, pouco importa a sua condição, se encarnado ou desencarnado.

No livro *Loucura e obsessão*, psicografia de Divaldo P. Franco, também há narrativas de várias reuniões mediúnicas no plano espiritual, onde os médiuns, em estado de emancipação da alma, continuam seus trabalhos durante o sono, período de repouso do corpo físico. (FRANCO, 1990, p. 159-169; 188-199 e 203-211). Já no livro *Tormentos da Obsessão*, desse mesmo autor, há relatos de reuniões mediúnicas na dimensão espiritual com a utilização de Espíritos-médiuns. (FRANCO, 2001, p. 158-168; 233-247 e 262-266).

Esperamos que pessoas com conhecimento deste assunto possam enriquecê-lo, fazendo a sua avaliação dessa nossa hipótese ou trazendo nossos elementos.

Mediunidade, então, é uma faculdade do Espírito. E médium é qualquer Espírito, independentemente da condição em que esteja, se encarnado ou não, que é capaz de captar o pensamento de um outro. Além disso, concluímos que a mediunidade independe da constituição física da pessoa, mas, sim, que decorre da aptidão adquirida pelo espírito, ao longo da sua jornada; ou algo semelhante ao aqui dito.

Agora, seis anos após ter escrito este texto, encontramos algo em Chico Xavier que

corroborar o que estamos propondo como definição. Quando lhe perguntaram “Que é mediunidade, no significado real de sua essência?”, sua resposta foi: “**Mediunidade, na essência, é afinidade, é sintonia, estabelecendo a possibilidade do intercâmbio espiritual entre as criaturas, que se identifiquem na mesma faixa de emoção e de pensamento.** (6/90)”. (NOBRE, 1997, p. 137, grifo nosso). Acreditamos que essa definição de Chico Xavier é, exatamente, o que queremos expressar com o nosso pensamento.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Abr/2006.
(Versão 7 – fev/2014).

Referências bibliográficas:

- BACCELLI, C. A. *Mediunidade e doutrina*. Araras, SP: IDE, 1990.
FRANCO, D. P. *Loucura e obsessão*, Rio de Janeiro: FEB, 1990.
FRANCO, D. P. *Tormentos da obsessão*, Rio de Janeiro: FEB, 2001.
PIRES, J. H. *Mediunidade: vida e comunicação. Conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais*. São Paulo: EDICEL, 1987.
KARDEC, A. *Instrução prática sobre manifestações espíritas*. Rio de Janeiro: FEB, 1978.
KARDEC, A. *Livro dos Médiuns*, Araras, SP: IDE, 1993.
KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. São Paulo: Lake, 2006a.
KARDEC, A. *Revista Espírita, tomo III*, Araras, SP: IDE, 2000.
NOBRE, M. R. S. *Lições de Sabedoria*. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997
XAVIER, F. C. *Entre a Terra e o Céu*, Rio de Janeiro: FEB, 1986b.
XAVIER, F. C. *Libertação*, Rio de Janeiro: FEB, 1987a.
XAVIER, F. C. *Mecanismos da mediunidade*. Rio de Janeiro: FEB, 1986c.
XAVIER, F. C. *Missionários da Luz*. Rio de Janeiro: FEB, 1986d.
XAVIER, F. C. *Nos Domínios da Mediunidade*, Rio de Janeiro: FEB, 1987b.
XAVIER, F. C. *Obreiros da vida Eterna*, Rio de Janeiro: FEB, 1986a.
<http://www.usp.br/agen/bols/2004/rede1514.htm>

(Publicado na *Revista Internacional do Espiritismo* nº 10, Matão – SP: O Clarim, nov/2006, p. 517-519).